

## “Ei, desliga esse celular!”: vilania e heroísmo na utilização de tecnologias móveis na sala de aula [de língua inglesa]<sup>1</sup>

Anna Carolina Amparo de Souza<sup>2</sup>  
 Edmilson Viana de Santana<sup>3</sup>  
 Milena Rezende Queiroz Alves<sup>4</sup>  
 Diego Fernandes Coelho Nunes<sup>5</sup>

### Resumo

Inspirados pelas discussões propostas pelo tema Tecnologia e Ensino [de língua inglesa] e guiados pela pergunta instigante “*Por que [não] usar o celular em sala de aula?*”, apresentamos, neste texto, uma narrativa de ensino em que buscamos discutir a respeito da utilização de tecnologias móveis em sala de aula. Com a ajuda de colegas do 3º ano dos cursos de ensino médio integrado, geramos dados através de entrevistas que foram transformados em infográficos de forma a evidenciar aquilo que alunos e professores entendem pelo uso positivo ou negativo de celulares na escola. Nosso objetivo, desta forma, foi refletir sobre o que alunos e professores pensam sobre tal uso, seus benefícios e malefícios.

**Palavras-Chave:** Ensino de língua inglesa. Tecnologia. Ensino Médio Integrado.

### Abstract

Inspired by the discussions proposed by the Technology and Teaching theme and guided by the thought-provoking question “*Why [not] to use the cell phone in the classroom?*”, we present in this text a teaching narrative by which we discuss the use of mobile technologies in the classroom. With the help of our 3<sup>rd</sup> year classmates from an integrated high school, we generated data through interviews that was transformed into info-graphics in order to show what students and teachers understand by the positive and negative cell phone usage at school. Our goal was, therefore, to reflect on what students and teachers think about such device, its benefits and drawbacks.

**Keywords:** English language teaching. Technology. Integrated High School.

## 1 Introdução

A rapidez na transmissão de informações gerada pela interconexão em rede de diferentes países devido ao processo de globalização inaugurou uma nova era (GIDDENS, 2008). A internet, como centro da revolução das comunicações, tem proporcionado a difusão quase que instantânea e em larga escala de conteúdos, os quais estão presentes,

<sup>1</sup> Agradecemos ao coletivo de alunos do 3º ano dos cursos de Aquicultura, Guia de Turismo e Informática do ano de 2019 pelos infográficos produzidos ao longo da 1ª Unidade do curso de Língua Inglesa. Agradecemos, ainda, à Patrícia Graeff pela revisão e comentários na primeira versão deste texto.

<sup>2</sup> Aluna do 4º Ano do curso Integrado de Informática do Instituto Federal da Bahia – *Campus* Valença.

<sup>3</sup> Aluno do 4º Ano do curso Integrado de Informática do Instituto Federal da Bahia – *Campus* Valença.

<sup>4</sup> Aluna do 4º Ano do curso Integrado de Informática do Instituto Federal da Bahia – *Campus* Valença.

<sup>5</sup> Professor EBTT de Língua Inglesa do Instituto Federal da Bahia – *Campus* Valença.

indubitavelmente, nas salas de aula das escolas brasileiras. Este novo modo de agir e de viver em sociedade tem trazido questões que temos presenciado ao longo de nosso processo de ensino-aprendizagem, seja como alunos ou como professores. Esse novo modo de viver, como nos alertou Bauman (1999), produz consequências para a humanidade como um todo.

Embora esta discussão esteja, talvez, de certa maneira “obsoleta”, já que a utilização de tecnologias digitais no ensino já não é um tema tão novo assim e uma vez que as mesmas já fazem parte do contexto educacional, a utilização daquilo que consideramos como tecnologias móveis, a exemplo do celular, ainda arranca suspiros de uns e causa calafrios em outros. Dentre tais calafrios e suspiros, portanto, a pergunta “*Por que [não] usar o celular em sala de aula?*” tem ecoado em nossas práticas escolares, nos fazendo buscar mais aprofundamento de forma a entender melhor sobre tal questão (MILLER et al., 2008; ALLWRIGHT; HANKS, 2009; HANKS, 2017).

Concordamos que não existe processo de ensino-aprendizagem sem colaboração mútua (ALLWRIGHT; HANKS, 2009) entre alunos e professores (FREIRE, [1996] 2014) e que toda a inquietação gerada em sala de aula é digna de discussões mais profundas, bem como de pesquisas detalhadas (NUNES, 2016). Afinal, a educação é uma atividade social (HANKS, 2017) e a escola é um dos espaços sociais mais frequentados pela humanidade. É nela, pois, que boa parte do que hoje consideramos cidadania é, ou deveria ser, construída.

Neste texto, então, apresentamos uma narrativa de ensino baseada em nossas experiências discentes/docentes ao longo dos anos de 2018/2019, iniciadas por meio de uma discussão sobre o tema Tecnologia e Ensino [de língua inglesa] ao longo da primeira unidade da disciplina de Inglês em um Instituto Federal localizado no baixo sul do estado da Bahia.

Desta forma, com o intuito de que os entendimentos que tivemos até a confecção final deste relato se apresentem de maneira mais clara, dividimos nossas reflexões nas seguintes categorias: a) “Tecnologia e Ensino: um tema controverso”, na qual discutimos os ‘impactos’ da tecnologia na sala de aula e suas imbricações nos mais diversos processos de ensino-aprendizagem; b) “Ei, desliga esse celular!”, que traz uma breve contextualização da pesquisa realizada a partir das inquietudes a respeito da utilização do celular na escola; c) “Por que [não] usar o celular em sala de aula?”, na qual apresentamos alguns dados gerados por alunos do 3º ano do ensino médio (EM) integrado dos cursos técnicos em Aquicultura,

Guia de Turismo e Informática no começo do ano letivo de 2019 e d) “[In]Conclusão”, momento em que discutimos nossas reflexões sobre o tema apresentado.



**Infográfico 1.** Technology  
**Fonte:** Os autores.

## 2 Tecnologia e Ensino: um tema controverso

Por mais que pareça lógico pensar em tecnologia no ensino tendo como base a utilização de computadores e *smartphones* em sala de aula, por exemplo, tal associação não é de todo verdadeira, uma vez que a utilização de inovações tidas como tecnológicas sempre existiu no ensino. Embora presente nas salas de aula, os processos tecnológicos que permearam/permeiam o ensino sempre levantaram suspeitas e desconfiança, como relata Paiva (2015). Segundo a autora, tanto a escrita, bem como a imprensa de Gutemberg e posteriormente os livros, todos tiveram certa recusa inicial, não agradando a todos. Não diferente, os computadores e, principalmente, os celulares se tornaram os vilões da vez. Porém, como outras pesquisas, este texto pretende discutir o potencial positivo das tecnologias no ensino.



**Infográfico 2.** Celular e escola

**Fonte:** Os autores.

Segundo Prensky (2010, p. 202), “o papel da tecnologia – e seu único papel – deveria ser o de apoiar os alunos no processo de ensinarem a si mesmos (obviamente com a orientação de seus professores)”. Sendo assim, a tecnologia não pode ser usada simplesmente como uma renovação de velhas práticas pedagógicas. É preciso

ter em mente que nem o livro nem o computador farão milagres no processo de aprendizagem. O sucesso da aprendizagem de uma língua estrangeira demanda a inserção do aprendiz em atividades de uso social [da língua] e, a depender do uso que se faz da tecnologia, estaremos apenas levando para a tela os velhos modelos presentes nos primeiros livros didáticos (PAIVA, 2015, p. 33).

Moran (2013, p. 27), ainda, argumenta que “não há tecnologias avançadas que salvem maus profissionais”. Logo, é preciso que essa integração tecnologia-ensino se dê de maneira

a criar “espaços ricos de aprendizagens significativas, presenciais e digitais, que motivem os alunos a aprender ativamente, a pesquisar o tempo todo, a serem proativos, a saber tomar iniciativas e interagir” (MORAN, 2013, p. 31).

É importante acrescentar que as tecnologias digitais só se tornam as vilãs da história quando não são bem utilizadas, visto que é preciso um bom planejamento e orientação para que os estudantes utilizem tais ferramentas para sua formação. Caso isso não ocorra, esses dispositivos serão sempre os vilões e, portanto, cada vez mais ignorados/rejeitados no processo de ensino-aprendizagem.

### 3 “Ei, desliga esse celular!”

Embora não possamos generalizar que a frase que dá título a essa seção seja recorrente nas salas de aula ao redor do mundo, a mesma é, pelo menos, bastante comum na nossa. Porém, acreditamos que isso aconteça de alguma forma de Norte a Sul do globo. Se isso não acontecesse, talvez a França, por exemplo, não tivesse criado uma lei para proibir o uso de celulares em suas escolas<sup>6</sup>.

A inspiração para a confecção desta narrativa de ensino surgiu depois de uma discussão promovida ao longo do primeiro bimestre do ano letivo de 2018 da disciplina de Inglês. Nesta unidade, portanto, enquanto aprendemos e discutimos questões intrínsecas ao ensino de língua inglesa, tínhamos o tema Tecnologia e Ensino como plano de fundo. A proposta foi tão bem-sucedida que retomamos a discussão com as novas turmas de 3º ano do ensino médio integrado do ano de 2019.

Os textos propostos, bem como vocabulário e o gênero discursivo infográfico, comum na *world wide web* nos conduziram a entender sobre o lugar da utilização do celular na sala de aula. Orientados, portanto, pela pergunta inicial “*Por que [não] utilizar o celular em sala de aula?*”, iniciamos uma pesquisa sobre o uso de tecnologia na escola. Para tanto, outras diferentes perguntas foram postas, as quais deveriam ser escolhidas em comum acordo pelos grupos formados e as quais deveriam ser direcionadas a um maior número de pessoas possível e não somente alunos e professores do *campus*.

<sup>6</sup> Conferir: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2018/07/31/parlamento-frances-aprova-proibicao-dos-celulares-em-escolas-na-franca.ghtml>. Acesso em 6 de agosto de 2019.

Desta forma, os estudantes poderiam realizar entrevistas da melhor maneira possível. Alguns grupos entrevistaram colegas do campus e professores através de questionários físicos e pelo *google forms*, por exemplo; outros realizaram enquetes em redes sociais como o *Instagram*. A geração de dados foi baseada em uma média de 6 a 10 perguntas, as quais foram escolhidas em conjunto durante as aulas de inglês; como as que seguem abaixo:

- Você utiliza o celular durante a aula?
- Se sim, com que finalidade?
- Você acha que o uso do celular na escola te ajuda?
- Qual sua média diária de horas no celular?
- Você se acha uma pessoa viciada no celular?



**Infográfico 3.** Use of cell phones in the classroom  
**Fonte:** Os autores.

Os dados gerados pela pesquisa relatada acima deveriam servir como *corpora* para a produção de infográficos sobre o tema já mencionado.

Todas as ações humanas, como já diria Bakhtin ([1992] 2011), são mediadas por gêneros discursivos, os quais são sempre relativamente estáveis e por isso mudam conforme as interações que vamos estabelecendo diariamente. Assim, com o processo de globalização e a intensificação das mídias digitais, novos gêneros, a exemplo do infográfico, surgiram/têm surgido.

Para Paiva (2016, p. 44), os infográficos são “textos visuais informativos produzidos com informações verbais e não verbais como imagens, sons, animações, vídeos, hiperlinks, entre outros, em uma mesma forma composicional”. Muitos deles são comuns em “revistas e jornais impressos, além de estarem disponíveis em diferentes sites e portais da internet, com diferentes conteúdos temáticos [...] e diferentes funções sociais”.

Os infográficos são fruto daquilo que Kress (2000) chama de processo de ‘visualização’ ao qual as tecnologias da informação tem nos direcionado. Para o autor, a visualização é a transposição do que era escrito para o visual, uma vez que o descolamento de informações tem sido visto como mais eficiente em termos visuais do que escritos. Isto ratifica, portanto, que o ensino [de inglês], neste caso, precisa ser pensado em uma perspectiva multimodal, de forma que outras semioses sejam agregadas ao texto escrito.

Os infográficos apresentados por todo texto expressam o entendimento de alunos e professores sobre a utilização de tecnologias móveis, tais como o celular em sala de aula. É possível perceber que muitos estudantes utilizam o celular em sala de aula, mas muitos reconhecem que seu uso pode prejudicar seus estudos. Em contrapartida, é possível perceber que eles podem levar o processo de ensino-aprendizagem a sério, como afirmam Allwright e Hanks (2009), uma vez que eles sugerem que o uso de celulares em sala de aula pode auxiliar em pesquisas e no ato de tomar notas em sala de aula.



**Infográfico 4.** Internet addicts na escola  
**Fonte:** Os autores.

#### 4 Por que [não] usar o celular em sala de aula?

Os processos tecnológicos os quais estamos vivendo em nossa vida [escolar] abrem espaço para discutirmos nosso papel de alunos como parte do processo de ensino-aprendizagem (FREIRE, [1996] 2014; MORAES BEZERRA; NUNES, 2013; NUNES, 2016). Com o acesso à internet, possuímos uma quantidade incalculável de informação e é de fundamental importância o papel de nossos professores como mediadores pedagógicos no novo e complexo mundo interconectado que tem invadido nossas salas de aula (MORAN, 2013).



Além disso, é preciso observar os novos usos que a leitura e a escrita têm adquirido por conta dos novos gêneros criados a partir das hibridizações possíveis, graças ao uso de tecnologias digitais. De acordo com Zacharias (2016, p. 15-29), por exemplo,

[a] inserção das tecnologias digitais na vida cotidiana tem gerado grandes e rápidas mudanças nas formas de interação e comunicação das pessoas. Uma consequência dessas mudanças se faz notar nas práticas de leitura, com a emergência de textos híbridos, que associam sons, ícones, imagens estáticas e em movimento, leiautes multissemióticos, alterando os gestos dos leitores, o processamento da informação e a construção de significados. Além disso, as mídias nas quais esses textos são disponibilizados têm a tela como principal suporte, exigindo conhecimentos que ultrapassam as fronteiras do impresso.



**Infográfico 5.** Dados sobre o uso da internet  
**Fonte:** Os autores.

É interessante observar, ainda, que uma das perguntas que construímos colaborativamente foi se os celulares poderiam substituir os livros didáticos. A resposta foi bem diversa. Para muitos alunos, os celulares são sim mais eficientes do que os livros didáticos, para outros, por exemplo, é preciso aprender a separar as ideias e perceber que ambos são ferramentas que visam ajudar na aprendizagem.

Ao refletir sobre isso, percebemos que essa eficiência, talvez, esteja relacionada à facilidade de acesso a textos. Em um contexto de contingenciamento de verbas para a educação, a utilização de textos virtuais, além de mais sustentável, tem nos ajudado a lidar com a falta de recursos como impressões, por exemplo. Assim, é possível constatar que o uso

de tecnologias digitais promovem novas ideias sobre o processo de ensino-aprendizagem [de línguas].

Dentre as questões mais interessantes apresentadas por nossos colegas discentes, aparece a facilidade na criação dos infográficos, os quais foram variados e sempre muito coloridos. Alguns relataram que não tiveram dificuldades em produzir tais tipos de textos, visto que alguns *apps* já apresentam modelos praticamente prontos dos mesmos. Um fato que nos fez pensar bastante foi a contradição de que algumas pessoas acreditam que usar celulares na sala de aula pode ser um ponto positivo, mas que os mesmos não devem ser levados para a escola. Esta constatação tem nos feito (re)pensar nossa pergunta inicial “Por que [não] usar o celular em sala de aula?”

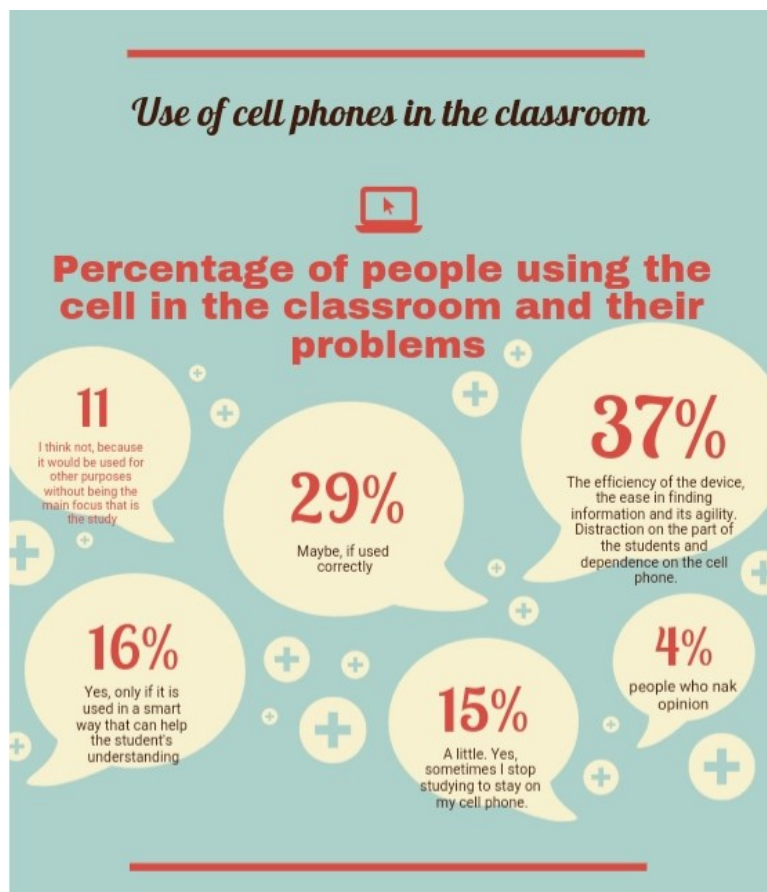
## 5 (In)Conclusão

Acreditamos, portanto, que é preciso e necessário sempre problematizarmos as tecnologias e, logo, seus usos em sala de aula, como nos esclarece Selwyn (2017). Tal reflexão constante sobre o uso das tecnologias digitais no ensino é imperativo, visto que sua utilização tem sido central em nossa sociedade e a tendência natural é sua intensificação nas relações não só sociais, mas também de trabalho e, logo, em nossas salas de aula, para que nossos alunos estejam preparados para atender as demandas que a sociedade tem exigido.

Alguns estudos, como os apresentados no documento *Diretrizes de políticas para a aprendizagem móvel* proposto pela UNESCO, apontam que “as tecnologias móveis são comuns, mesmo em áreas onde escolas, livros e computadores são escassos” (UNESCO, p. 12) e isso tem beneficiado a construção de projetos que elucidam tais tecnologias como “um excelente meio para estender oportunidades educacionais a alunos que podem não ter acesso à escolas de alta qualidade” (ibid., p. 12). Os celulares, além de facilitar a aprendizagem individualizada, potencializam a aprendizagem a qualquer hora e em qualquer lugar, como aponta o documento.

Além disso, a utilização de celulares em sala de aula permite a difusão e a (re)construção de gêneros do discurso que antes eram somente estáticos e hoje, permitem um entrosamento com outras semioses, trazendo à tona aspectos multimodais que estão mais do que presentes na vida de alunos e professores. Nesta medida, como já apontado pelo *New London Group*, no início dos anos 2000, é preciso pensar o ensino [de inglês], neste

caso, em uma perspectiva multimodal e de [multi]letramentos, visto que as mudanças sociais da utilização de tecnologias digitais têm mudado nossas vidas em diferentes aspectos desde o estilo de vida ao trabalho.



**Infográfico 6.** Use of cell phones in the classroom  
**Fonte:** Os autores.

Cabe a nós, então, como parte integrante da escola [alunos e professores], [re]pensarmos o nosso processo de ensino-aprendizagem com vistas a integração destas tecnologias digitais tão dominadas por nós, alunos, mas negligenciada e pouco ou mal compreendida em nossas salas de aula.

## Referências

ALLWRIGHT, D.; HANKS, J. *The developing language learner: an introduction to Exploratory Practice*. Palgrave Macmillan, 2009.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: \_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 6ª edição. São Paulo: Martins Fontes, p. 261-306, [1992] 2011.

BAUMAN, Z. *Globalização: as consequências humanas*. Tradução: Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 49ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, [1996] 2014.

GIDDENS, A. *Sociologia*. 6ª Edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

HANKS, J. *Exploratory Practice in language teaching: puzzling about principles and practices*. Palgrave Macmillan, 2017.

KRESS, G. Multimodality. In: COPE, B.; KALANTZIS, M. [Ed.] *Multiliteracies: Literacy learning and the design of social futures*. Routledge, p. 179-199, 2000.

MILLER, I. K. et al. Prática Exploratória: questões e desafios. In: GIL, G.; VIEIRA-ABRAHÃO, M. H. (Orgs.). *Educação de professores de línguas: o desafio do formador*. Campinas, SP: Pontes Editores, p. 145-165, 2008.

MORAES BEZERRA, I. C. R.; NUNES, D. F. C. Afeto e aquisição de segunda língua: a estória de uma licencianda. In: CARVALHO, G.; ROCHA, D.; VASCONCELLOS, Z. (org.). *Linguagem: Teoria, Análises e Aplicações (7)*. Rio de Janeiro: Programa de Pós-graduação em Letras/UERJ, p. 18-30, 2013. Disponível em: [http://www.pglettras.uerj.br/linguistica/textos/livro07/LTAA7\\_a02.pdf](http://www.pglettras.uerj.br/linguistica/textos/livro07/LTAA7_a02.pdf). Acesso em 25/09/2019.

MORAN, J. M. Ensino e aprendizagem inovadores com apoio de tecnologias. In: MORAN, J. M. et al. *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. 21ª Edição revista e atualizada. Campinas, SP: Papyrus, p. 11-72, 2013.

NUNES, D. F. C. “Eu não vou usar isso na minha vida mesmo”: reflexões sobre o porquê de se aprender inglês de uma turma de 6º ano. In: *Cadernos da Educação Básica*, vol. 1, n. 2, p. 145-154, outubro 2016.

PAIVA, V. L. M. O. O uso da tecnologia no ensino de línguas estrangeiras. In: JESUS, D. M.; MACIEL, R. F. *Olhares sobre tecnologias digitais: linguagens, ensino, formação e prática docente*. Campinas, SP: Pontes Editores, p. 21-34, 2015.

PAIVA, F. A. Leitura de imagens em infográficos. In: COSCARELLI, C. V. (Org.). *Tecnologias para aprender*. 1. ed. - São Paulo: Parábola Editorial, p. 43-59, 2016.

PRENSKY, M. O papel da tecnologia no ensino e na sala de aula. In: *Conjectura*, v. 15, n. 2, maio/ago., p. 201-204, 2010.

---

SELWYN, N. Um panorama dos estudos críticos em educação e tecnologias digitais. In: ROCHA, C. H. et al. *Diálogos sobre tecnologia educacional: educação linguística, mobilidade e práticas translíngues*. Campinas, SP: Pontes Editores, p. 15-40, 2017.

THE NEW LONDON GROUP. A pedagogy of multiliteracies: designing social futures. In: COPE, B.; KALANTZIS, M. [Ed.] *Multiliteracies: Literacy learning and the design of social futures*. Routledge, p. 60-92, 2000.

UNESCO. *Diretrizes de políticas para a aprendizagem móvel*. 2014. Disponível em: <http://www.bibl.ita.br/UNESCO-Diretrizes.pdf>. Acesso: 18/08/2019.

ZACHARIAS, V. R. C. Letramento digital: desafios e possibilidades para o ensino. In: COSCARELLI, C. V. (Org.). *Tecnologias para aprender*. 1. ed. - São Paulo: Parábola Editorial, p.15-29, 2016.

Data de submissão: 28/09/2019. Data de aprovação:30/10/2019.